



ESTRUTURALISMO E PÓS-ESTRUTURALISMO ¹

Michael Peters ²

Uma década de estruturalismo francês: 1958-1968

O estruturalismo³ francês tem sua origem na lingüística estrutural, tal como desenvolvida por **Ferdinand de Saussure** e por **Roman Jakobson**, na virada do século. **Saussure** ministrou um curso sobre lingüística geral, de 1907 a 1911; morreu em 1913. Seus alunos publicaram, em 1916, o livro *Cours de linguistique*, reconstituído a partir de suas anotações de aula. O *Cours de linguistique* concebia a linguagem como um sistema de significação, vendo seus elementos de uma forma relacional. Saussure distingue sua abordagem “científica” ou sincrônica do estudo diacrônico, histórico, das línguas, então dominante, ao fazer uma distinção entre *la parole* (a fala real ou os eventos de fala) e *la langue* (o sistema formal de linguagem governa os eventos de fala). Saussure estava interessado na *função dos elementos lingüísticos e não em sua causa*. Por exemplo, ele definia a “palavra” como um “signo”, formado por “conceito / significado” e “som / o significante”. Nenhum deles causa o outro; em vez disso, eles estão funcionalmente relacionados: um depende do outro. A identidade é definida de forma relacional, puramente como uma função das *diferenças* no interior do sistema. A relação entre significado e significante é inteiramente arbitrária. Saussure fala da “natureza arbitrária do signo”. Não existe nada no mundo que faça com que um som seja associado com um conceito particular, o que é demonstrado pelo fato de que diferentes línguas têm diferentes significantes para o mesmo significado (ou conceito).

Uma das características que distingue a lingüística de Saussure, constituindo um avanço em relação à gramática comparativa da época, é sua ênfase na autonomia do *sistema*⁴, visto como um todo que compreende e organiza elementos fônicos e semânticos não diretamente acessíveis à experiência sensorial. Jonathan Culler (1976, p. 49) assim descreve a concepção *estruturalista* de linguagem desenvolvida por Saussure:

Não se trata simplesmente do fato de que a língua é um sistema de elementos que são inteiramente definidos por suas mútuas relações no interior do sistema, embora isso seja verdade, mas do fato de que o sistema lingüístico é constituído por diferentes níveis de estrutura; em cada nível, pode-se identificar elementos que contrastam e se combinam com outros elementos para formar unidades de nível superior, mas os princípios estruturais em cada nível são fundamentalmente os mesmos.

Parte do legado saussureano consiste no fato de que, como o pai da lingüística moderna, Saussure estabeleceu uma ciência geral dos signos, dando ao estudo da linguagem, considerada como um sistema de signos, uma firme base metodológica e promovendo a *semiologia* – como disse ele, o “estudo da vida dos signos na sociedade” – a uma posição central nas ciências humanas (GADET, 1989).

¹ Este é o *capítulo III* (sem as notas e as referências bibliográficas) do livro *Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença*, publicado pela Autêntica Editora. A *Rubedo* agradece a editora por ter-nos permitido reproduzi-lo em nossas páginas. Leia, na *Revista de Literatura*, maiores informações sobre o livro. www.rubedo.psc.br | Artigos | © Michael Peters. Ver resenha em <http://www.rubedo.psc.br/Revista/outras/textos/filodife.htm>

² **Michael Adrian Peters**, New Zealand (4 September, 1948). Professor, School of Education, University of Auckland, 2000-. Research Professor, Faculty of Education, University of Glasgow, 2000-. [Ver Currículo na *Encyclopaedia of Philosophy of Education*, <http://www.vusst.hr/ENCYCLOPAEDIA/michael.htm>].

³ Na história da filosofia o estruturalismo aparece como aquela corrente metodológica contemporânea cujo núcleo teórico está definido pela noção de *estrutura*. O conceito mesmo de estrutura não está isento de ambigüidade, já que é utilizado em campos diversos. Entretanto, a noção de estrutura sobre que se baseia o estruturalismo parte fundamentalmente da noção elaborada pela lingüística de F. de Saussure. Nela, a noção de estrutura – baseada no estudo da linguagem como sistema de signos –, é entendida como *um todo que só pode compreender-se a partir da análise de seus componentes e da função que esses componentes cumprem dentro do todo*. Essas estruturas têm, assim, o caráter de uma *totalidade* na qual qualquer modificação de alguma das suas relações afeta o conjunto, já que a estrutura mesma está definida por suas relações, sua autorregulação e suas possíveis transformações.

⁴ A semiologia de Saussure pôde conceber o *conjunto da linguagem como uma estrutura*: a linguagem seria um *sistema de relações*, onde o conhecimento do sistema permitiria o reconhecimento de todos os elementos.

Saussure → Jakobson

Foram, entretanto, **Roman Jakobson** e o vínculo que ele criou entre, de um lado, a **lingüística** e a Genebra de Saussure e, de outro, o **formalismo** que florescia em Moscou, que se mostraram os fatores decisivos para tornar as visões de Saussure mais amplamente conhecidas, fazendo nascer o estruturalismo do século XX (SELDEN, 1995).

Roman Jakobson⁵ é uma figura central no desenvolvimento histórico da lingüística estrutural. Ele foi instrumental no estabelecimento do Formalismo Russo, ajudando a fundar tanto o Círculo Lingüístico de Moscou quanto a Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (OPOJAZ), em São Petersburgo, antes de se mudar para a Checoslováquia, em 1920, para fundar o Círculo Lingüístico de Praga. Os anos formativos de Jakobson foram bastante influenciados pela tradição da Escola Kazan, por Saussure (cujo trabalho foi levado a Moscou por Sergej Karcevskij, em 1917) e pela forte tradição russa das dialéticas hegeliana e pós-hegeliana. Linda R. Waugh e Monique Monville-Burston (1990, p. 4) sugerem que “a influência mais forte sobre o pensamento de Jakobson foi o agitado movimento artístico do início do século XX, sobretudo as obras da *avant-garde* literária e artística: **Picasso, Braque, Stravinsky, Joyce, Xlebnikov, Le Corbusier**”. Jakobson ajudou, em 1926, a fundar o Círculo Lingüístico de Praga, tendo atuado como seu vice-presidente até sua partida da Checoslováquia, em 1939. Foi Jakobson que primeiramente cunhou, em 1929, o termo “estruturalismo”, para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado. Jakobson (1973), após o sucesso do Primeiro Congresso Eslavo Internacional de Praga, expressou seu programa nestes termos:

*Se tivermos que escolher um termo que sintetize a idéia central da ciência atual, em suas mais variadas manifestações, dificilmente poderemos encontrar uma designação mais apropriada que a de **estruturalismo**. Qualquer conjunto de fenômenos analisado pela ciência contemporânea é tratado não como um aglomerado mecânico, mas como um todo estrutural, e sua tarefa básica consiste em revelar as leis internas – sejam elas estáticas, sejam elas dinâmicas – desse sistema. O que parece ser o foco das preocupações científicas não é mais o estímulo exterior, mas as premissas internas do desenvolvimento: a concepção mecânica dos processos cede lugar; agora, à pergunta sobre suas **funções**.*

Jakobson enfatiza que o Círculo Lingüístico de Praga está estreitamente ligado às correntes contemporâneas tanto da Lingüística ocidental quanto da lingüística russa: “as realizações metodológicas da lingüística francesa”, a fenomenologia alemã (Husserl) e a pretendida síntese das escolas polonesa (de Courtenay) e russa (Fortunatov). É importante observar que Jakobson definiu sua teoria da estrutura da linguagem em contraste com a de Saussure, que ele considerava tanto demasiadamente abstrata quanto demasiadamente estática. Jakobson tratou as formulações dicotômicas (*langue/parole, sincronia/diacronia*) de Saussure de uma forma dialética, insistindo na estreita relação entre forma e significado, em uma situação de sincronia dinâmica (WAUGH & MONVILLE-BURSTON, 1990, p. 9).

⁵**Roman Osipovic Jakobson** (Moscou, 1896 – Massachusetts, 1982) Lingüista y filólogo ruso, n. en Moscú, en cuya Universidad se doctoró y m. en Boston. Fundador, en los años 20, del Círculo Lingüístico de Praga, junto a Mathesius, Trubetzkoy y otros lingüistas checos, su revolucionaria teoría fonológica, que sostiene la existencia de quince a veinte rasgos distintivos comunes a todas las lenguas del mundo, lo destacó, señeramente, en los estudios del lenguaje. No menos famosas son sus contribuciones en el ámbito del lenguaje infantil y las afasias (contenidas en su publicación *Studies on Child Language and Aphasia*, 1971) y sus estudios de poética, que abrieran una nueva orientación para los estudios literarios (*Questions de Poétique*, 1973). Su presencia en las universidades de Columbia, Harvard y el Instituto Tecnológico de Massachusetts fue revitalizadora para la lingüística generativa norteamericana. En 1976 fue nombrado doctor honoris causa de la Universidad de Harvard. Sus escritos más importantes se encuentran reunidos en una serie monumental de cuatro volúmenes, llamada *Selected Writings*. [fonte: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/j/jakobson.htm>] Sobre a trajetória de Jakobson e sua importância no Brasil (difícil de resumir) ver: <http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/biojakob.htm>.



Saussure → Jakobson → Lévi-Strauss

Foi ao encontrar Jakobson, em Nova York, na New School for Social Science Research, no início dos anos 40, que **Lévi-Strauss** ficou conhecendo, por seu intermédio, a lingüística estrutural, publicando depois, em 1945, pela primeira vez, um artigo relacionando a lingüística estrutural com a etnologia, na recém-fundada revista de Jakobson, *Word*. Esse artigo se tornou um dos capítulos iniciais do livro *Anthropologie Structurale*, publicado em 1958, livro que era composto de uma coleção de artigos escritos em 1944 e 1957. Lévi-Strauss (1968, p. 21) reconhece sua dívida para com Saussure e Jakobson e trata de descrever seu método antropológico por meio da noção central de *estrutura inconsciente*:

Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se as formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigo e moderno, primitivo e civilizado [...] é preciso e basta atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes.

Lévi-Strauss (1968, p. 33) sugere que podemos chegar à estrutura inconsciente por meio do emprego do *método estrutural* desenvolvido pela lingüística estrutural, argumentando que a fonologia (leia-se "lingüística estrutural") "não pode deixar de desempenhar perante as ciências sociais o mesmo papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas". Ele define o método estrutural de acordo com a declaração programática feita por Nikolai Trubetzkoy (um dos membros da Escola Lingüística de Praga) em sua obra seminal, *Princípios de fonologia*:

Em primeiro lugar; a fonologia lingüística estrutural passa do estudo dos fenômenos lingüísticos conscientes para o estudo sua infraestrutura inconsciente; em segundo lugar, ela se recusa a tratar os termos como entidades independentes, tomando, ao contrário, como base de sua análise as relações entre os termos; em terceiro lugar, ela introduz a noção de sistema; finalmente, ela visa à descoberta das leis gerais, quer encontradas por indução, quer deduzidas logicamente. (p. 33)

Utilizando esse método, Lévi-Strauss (1968, p. 34) sugere que as ciências sociais devem ser capazes de formular relações necessárias e que "novas perspectivas se abrem", permitindo que o antropólogo estude sistemas de parentesco da mesma forma que o lingüista estuda fonemas: "tal como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; tal como os fonemas, eles só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas". Os sistemas de parentesco, tal como os sistemas fonológicos, "são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente".⁶ Três anos mais tarde, em 1961, em suas conferências inaugurais no Collège de France, Lévi-Strauss reconhecerá publicamente sua dívida para com Saussure e definirá a antropologia como um ramo da semiologia⁷.

⁶ O método estrutural na lingüística teria como objetivo a construção de **modelos** abstratos capazes de **dar explicação de todos os fenômenos da linguagem**, constituindo-se como um tipo de "álgebra da linguagem". Esse modelo abstrato de relações, enfim, acaba se constituindo – assim defendem os estruturalistas – um modelo que se assemelha a uma realidade inconsciente; e, uma vez que a estrutura é abstrata, os elementos concretos não têm realmente importância nem significado (por isso Lévi-Strauss estudou os mitos sem se preocupar com seu 'sentido', centrando-se somente nas suas funções dentro da estrutura social), por esta razão, os estruturalistas em geral não consideram importante o sujeito humano como instância explicativa. Ao estudar alguma realidade, procuram descobrir as relações entre os elementos que compõe essa realidade, buscando sua estrutura mais profunda, que nem sempre se revela na sua estrutura superficial. Este método consiste, então, em considerar qualquer realidade humana como uma totalidade estruturada articulada em relações estáveis e regidas por leis internas que só podem ser buscadas na estrutura profunda.

⁷ **O caráter sistêmico da noção de estrutura:** É Claude **Lévi-Strauss**, um dos principais artífices fundadores do estruturalismo, quem traz uma definição de **estrutura**, onde aparece a remissão a **sistema**. **Uma estrutura oferece um caráter de sistema, que consistiria, assim, em elementos combinados de tal forma que qualquer modificação num deles implicaria uma modificação de todos os outros.** (In COELHO, Eduardo Prado, org. *Estruturalismo*; antologia de textos teóricos. Lisboa, Portugal, s.d.) Pode-se entender, então, que a estrutura estaria de tal forma integrada ao

Saussure → Jakobson → Lévi-Strauss →

→ A. J. Greimas
→ Roland Barthes
→ Michel Foucault (1ª fase)
→ Louis Althusser
→ Jacques Lacan
→ Jean Piaget
→ ...

Após a publicação de *Anthropologie structurale*, a revolução estruturalista floresce na França, especialmente durante os anos 60: **Roland Barthes**, iniciado na lingüística por **A. J. Greimas**, no início dos anos 50, publica sua *Mythologies* em 1957 e torna-se *Directeur d'études*, em “sociologia dos signos, dos símbolos e das representações”, da École des Hautes Études, em 1962; o jornal literário de vanguarda *Tel Quel* é fundado, em 1960, por **Philippe Sollers**; **Michel Foucault** publica *Folie et déraison: histoire de la folie à l'âge classique*, em 1961; em 1963, **Louis Althusser** convida **Jacques Lacan** para dar seu seminário na École Normale, iniciando um produtivo diálogo entre o marxismo e a psicanálise; o ano de 1966 vê a publicação do livro *Pour Marx*, de **Louis Althusser**, do *Les mots et les choses*, de **Foucault**, e dos *Écrits*, de Lacan (DOSSE, 1997).

Jean Piaget, o psicólogo, publica seu livro *Le structuralisme* (1968), no momento final da explosão estruturalista na França, quando o estruturalismo já tinha se identificado com atitudes políticas ultrapassadas e suspeitas. Muitos interpretaram os eventos espontâneos do Maio de 68 como uma refutação da crítica que o estruturalismo fazia ao humanismo burguês. O livro de Jean Piaget é, entretanto, interessante e também útil por sua definição do estruturalismo:

*Em uma primeira aproximação, podemos dizer que uma estrutura é um sistema de transformações. Na medida em que é um sistema e não uma simples coleção de elementos e de suas propriedades, essas transformações envolvem leis: a estrutura é preservada ou enriquecida pelo próprio jogo de suas leis de transformação que nunca levam a resultados externos ao sistema nem empregam elementos que lhe sejam externos. Em suma, o conceito de estrutura é composto de três idéias-chave: a idéia de **totalidade**, a idéia de **transformação** e a idéia de **auto-regulação**. (PIAGET, 1971, p. 5).*

sistema que funcionaria como um verdadeiro eixo de sustentação, fazendo as vezes de um arcabouço interno a conferir-lhe um efeito de *completude* e *homogeneidade*. Por essa concepção de *estrutura concebida como sistema*, só há espaço para uma estrutura tida como *fechada, estável e homogênea*, pois só assim estariam asseguradas as relações de solidariedade e harmonia requeridas pelo bom funcionamento do sistema. **Roger Bastide**, organizou, nos anos do apogeu do estruturalismo na França, um colóquio sobre o uso e o sentido da palavra *estrutura*, onde aponta a origem do termo no latim, designando o modo como um *edifício* é construído. Esse sentido vai desdobrar-se em duas direções: a idéia do *corpo* como construção (anatomia) e a idéia da *língua* (e, portanto, de um texto ou de uma obra literária) também como construção. Segundo Bastide, é a partir de 1930 que se dá a grande voga da palavra *estrutura*, devido a vários fatores. Entre as definições mais correntes, é possível recortar certos traços recorrentes que valem como regularidades do conceito, como nos informa Eduardo Prado Coelho (COELHO, Eduardo Prado, org. *Estruturalismo*; antologia de textos teóricos. Lisboa, Portugal, s.d), em sua clássica antologia sobre o Estruturalismo. Vejamos alguns deles:

1. *Conjunto de elementos com leis próprias independentes das leis que regem cada um desses elementos;*
2. *A alteração de um dos elementos provoca a alteração de todos os outros, devido à existência de leis relativas ao conjunto;*
3. *O valor de cada elemento não depende do que ele é por si mesmo, mas da posição que ele ocupa em relação a todos os outros elementos do conjunto.*

É contra essa concepção de estrutura, forjada pelo estruturalismo, que se voltam os intelectuais liderados por **Michel Pêcheux** (PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas, Pontes, 1990.), no final da década de 60. Isto porque essa estrutura, assim guindada ao centro das atenções, representava um todo estável, fechado e homogêneo, que não admitia a falta, não dava lugar para a incompletude, nem abria espaço para a diferença. Portanto, a ‘estrutura’ do ‘estruturalismo’ não servia às pretensões dos analistas de discurso. (...). [Recorte ao texto *Na mira de um observatório foucaultiano do discurso* por Maria Cristina Leandro Ferreira - 14/10/2004. Em http://spider.ufrgs.br/discurso/article.php?id_article=10].

A idéia de **totalidade** surge da distinção entre *estruturas* e *agregados*. Apenas as estruturas podem ser consideradas como totalidades, enquanto os agregados são formados de elementos que são independentes dos complexos nos quais eles entram: “os elementos de uma estrutura estão subordinados a leis e é nos termos dessas leis que a estrutura qua totalidade ou sistema é definida” (p. 7).

A natureza dos *todos estruturais* depende de suas **leis de composição** que, por sua vez, governam as transformações do sistema, sejam elas matemáticas (por exemplo, 1+1 "fazem" 2), sejam elas temporais. A idéia de **auto-regulação** implica tanto uma automanutenção quanto um fechamento e Piaget menciona três mecanismos básicos de auto-regulação: **ritmo** (como em biologia), **regulação** (no sentido cibernético) e **operação** (no sentido da lógica).

Piaget⁸ discute, então, os seguintes temas: as estruturas matemáticas; as estruturas físicas e biológicas; as estruturas psicológicas (a psicologia da Gestalt, a gênese da inteligência); o estruturalismo lingüístico (incluindo a gramática generativa de Chomsky); a análise estrutural nas ciências sociais (centrando-se na antropologia estrutural de Lévi-Strauss); e, finalmente, o estruturalismo e a filosofia. No capítulo 7, “Estruturalismo e filosofia”, Piaget (1971, p. 120) discute as relações entre o estruturalismo e a dialética:

“Na medida em que se opta pela estrutura e se desvaloriza a gênese, a história e a função ou até mesmo a atividade do próprio sujeito, não se pode deixar de entrar em conflito com os princípios centrais dos modos dialéticos de pensamento”.

⁸ **Jean Piaget** (1886 – 1980). Especialista em psicologia evolutiva e epistemologia genética, filósofo e educador. Nasceu em Neuchâtel, Suíça, em 09 de agosto de 1886, e morreu em Genebra a 16 de setembro de 1980. Desde criança interessou-se por mecânica, fósseis e zoologia. Enquanto terminava seus estudos secundários, trabalhou como assistente voluntário do Laboratório do Museu de História Natural, de Neuchâtel, sob a direção de Paul Godet, especialista em malacologia. Com a morte de Godet, em 1911, continuou trabalhando no laboratório e escreveu vários trabalhos, alguns publicados pelo Museu de História Natural de Genebra, na Lamarck Collection e na Revue Suisse de Zoologie. Ao lado da formação científica em biologia, sentiu-se igualmente atraído pelo que chamou de “demônio da filosofia”. Através de seu padrinho, Samuel Cornut, tomou conhecimento da obra de Henri Bergson, especialmente com *L'Evolution créatrice* (1905), da qual recebeu profunda influência. A filosofia bergsoniana permitiu-lhe imprimir nova direção em sua formação teórica, conciliando sua formação científica com suas disposições especulativas. Licenciou-se em 1915, dedicando-se depois à leitura de Immanuel Kant, Herbert Spencer, Auguste Comte e, na área de psicologia, de William James, Theodore Ribot e Pierre Janet. Por outro lado, sua formação lógica deveu-se a Arnold Reymond. Nessa época, escreveu “Esboço de um neopragmatismo” (1916) e, entre 1913 e 1915 tomou contato com os trabalhos de Max Wertheimer e Wolfgang Kohler, da escola gestaltista de Berlin. Registrando-se na divisão de ciência da Universidade de Neuchâtel, dela recebeu o título de Doutor em Ciências (1918), seguindo depois para Zurique, onde estudou nos laboratórios de psicologia de G.F.Lipps e estagiou na clínica psiquiátrica de E. Bleuler. Foi nesse período que tomou contato com as obras de S. Freud e C. Jung. Em 1919 ingressou na Sorbonne, onde estudou psicopatologia com Henri Piéron e Henri Delacroix. Simultaneamente, estagiou no hospital psiquiátrico de Saint' Anne e estudou lógica com André Lalande e Lén Brunschvicg. Recomendado por Theodore Simon para trabalhar no laboratório de psicologia experimental de Alfred Binet, fez pesquisas com o teste de Burt em crianças parisienses e crianças deficientes mentais no hospital da Salpatriere, onde pesquisou a formação do número na criança, em colaboração com A. Szeminska. Em 1923, assumiu a direção do Instituto Jean Jacques Rousseau, de Genebra, passando a estudar, sistematicamente, a inteligência. Desde 1921, lecionou em várias universidades da Europa, além de proferir conferências nos USA, recebendo ali o título de doutor honoris causa. Também recebeu esse título da Universidade de Paris, onde lecionou. Esteve no Rio de Janeiro em 1949, como professor-conferencista, recebendo da Universidade do Brasil (hoje UFRJ) o título de doutor honoris causa. Em 1955, com o auxílio financeiro da Fundação Rockefeller, fundou em Genebra o Centro Internacional de Epistemologia Genética. Jean Piaget foi o responsável por uma das maiores contribuições no campo da psicologia científica contemporânea, na área específica do comportamento cognitivo. As aplicações de sua teoria do desenvolvimento encontram-se muito difundidas, no campo pedagógico e na explicação da evolução da conduta cognitiva. Sua teoria pode ser classificada em duas áreas principais: a que procura explicar a formação da estrutura cognitiva, tema central em sua psicologia evolutiva, e a que se desenvolve em torno da epistemologia genética



Nesse contexto, Piaget entra, primeiramente, no debate entre Lévi-Strauss e Sartre⁹, para concluir que não existe qualquer conflito inerente entre estruturalismo e dialética e, em segundo lugar, define o livro de Foucault, *Les mots et les choses*, como um “estruturalismo sem estruturas”, buscando demonstrar que “não pode existir um estruturalismo coerente à parte do construtivismo” (p. 135). Ele sugere que, em vez de postular estruturas, Foucault fala de *epistemes* ligadas à linguagem e que, para Foucault, as ciências humanas não passam de resultados de mutações de epistemes que se seguem umas às outras no tempo, sem qualquer seqüência pré-ordenada ou necessária.

Essa arqueologia das ciências humanas decreta o fim do homem. Em sua conclusão, Piaget discute especificamente essa parte mais radical do trabalho de Foucault. Ele argumenta que as "estruturas" não mataram o homem, nem aniquilaram as atividades do sujeito. [...] Em primeiro lugar, convém distinguir entre o sujeito individual [...] e o sujeito epistêmico [...]. Em segundo lugar, é preciso separar a tomada de consciência, sempre fragmentária e, com frequência deformante, daquilo que o sujeito consegue *fazer* em suas atividades intelectuais: dessas últimas ele conhece apenas seus resultados, mas não seus mecanismos. (PIAGET, 1971, p. 139).

Foucault¹⁰, em uma rara entrevista, na qual discute diretamente a questão do estruturalismo e do pós-estruturalismo, deixa claro que o estruturalismo *não* era uma invenção francesa e que o momento francês do estruturalismo durante os anos 60 deveria ser visto, de forma apropriada, contra o pano de fundo do formalismo europeu. Foucault sugere que, à parte aqueles que aplicaram métodos estruturais na lingüística e na mitologia comparativa, nenhum dos protagonistas do movimento estruturalista sabia muito bem o que estava fazendo. Embora Foucault (1983, p. 205) declare nunca ter sido um estruturalista, ele reconhece que o problema discutido pelo estruturalismo era um problema muito próximo de seus interesses tais como ele os definiu em várias ocasiões: “o problema do sujeito e de sua reformulação”.

Para Foucault, as investigações estruturalistas, muito diversas sob outros aspectos, convergiam em um único ponto: sua oposição filosófica à “afirmação teórica do primado do sujeito”, que tinha sido dominante na França desde a época de Descartes e que tinha servido de postulado fundamental para uma ampla gama de abordagens filosóficas, dos anos 30 aos 50, incluindo o existencialismo fenomenológico, “uma espécie de marxismo às voltas como conceito de alienação” (FOUCAULT,

⁹ **Jean-Paul Sartre** (1905-1980) foi um dos filósofos mais emblemáticos da segunda metade do século XX. Foi professor de Filosofia, em pequenos liceus de província, em França. Logo a seguir à 2ª Guerra Mundial aparece como um dos principais criadores do **existencialismo**, destacando-se também como romancista, dramaturgo e ativista político. Após uma aproximação aos países comunistas, afastou-se das suas posições em 1956, quando da revolta na Hungria. A sua ação política torna-se então mais individualista. Em 1967 preside ao “Tribunal Russel” e em 1970, assume em França a direção de algumas publicações de extrema-esquerda. Ao longo da sua vida, foi acusado inúmeras vezes de assumir posições contraditórias com as suas próprias idéias.



Obras: O Ser e o Nada(1943); O Existencialismo é um Humanismo(1946); Crítica da Razão Dialéctica(1960), primeiro tomo); etc. **Edições em Português:** Saint-Genet. São Paulo. Ed.Vozes. O Ser e o Nada. São Paulo. Ed.Vozes; O Existencialismo é um Humanismo. Lisboa. Ed. Presença. 1974; A Imaginação. Lisboa. Lisboa. Difel. 1988; Baudelaire. Mem Martins. Europa-América. 1965; Os Caminhos da Liberdade. Vol. I. A Idade da Razão. Lisboa. Bertrand. 1975 (Vol. II, 1975. Vol. III, 1975); O escritor Não é Político? Lisboa. Dom Quixote. 1971; Política e Autobiografia. Situações. Lisboa. AR. 1977; Situações I. Lisboa. Mem Martins. Europa-América. 1968; A Náusea. Mem Martins. Europa- América.; As Palavras. Lisboa. Mem Martins. Europa- América.; Os Dados Estão Lançados. Lisboa. Presença.; O Diabo e o Bom Deus. Lisboa. Assoc. 1976; Mortes Sem Sepultura. Lisboa. Presença. 1974; As Moscas. Lisboa. Presença. 1974; As Troianas. Lisboa. 1973

¹⁰ Um pensador que nunca se deixa capturar por classificações... Dizia Foucault "Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo". Um pensador engajado em um trabalho crítico de seu presente, de si mesmo, buscando, por meio da genealogia e da arqueologia as rupturas e descontinuidades que engendram as imagens que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo, eis Foucault... [visite <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>]



1991, p. 86), e as tendências no campo da psicologia que negam o inconsciente. Foucault também se refere ao “problema do estruturalismo” na França como uma consequência de problemas mais importantes na Europa Oriental, uma história mais profunda, à qual a maior parte da comunidade acadêmica francesa estava cega (FOUCAULT, 1991, p. 88). E, contudo, ele sugere, os comunistas e outros marxistas tinham tido a premonição de que o estruturalismo estava preste a dar um fim à cultura marxista tradicional na França: “uma cultura de esquerda que não fosse marxista estava prestes a surgir” (FOUCAULT, 1991, p. 90). A posição de Foucault relativamente ao marxismo era uma posição influenciada por questões bastante locais: ele estava reagindo ao Partido Comunista Francês, de inclinação stalinista, e ao domínio filosófico de um marxismo existencialista, durante os anos 40 e 50. Abstraindo-se essas questões locais, entretanto, pode-se afirmar que não existe nada de necessariamente antimarxista ou pós-marxista seja no pós-modernismo, seja no pós-estruturalismo.¹¹

Na verdade, da mesma forma que Louis Althusser fez uma leitura estruturalista de Marx, é possível fazer uma leitura pós-estruturalista, desconstrutivista ou pós-modernista de Marx. Na verdade, o marxismo estruturalista althusseriano teve uma enorme influência sobre a geração de pensadores que nós agora chamamos de “pós-estruturalistas” e cada um deles, à sua própria maneira, acertou suas contas com Marx: vejam-se, por exemplo, as *Observações sobre Marx* (1991) que Foucault fez em entrevista com o marxista italiano Duccio Trombadori; ou os *Espectros de Marx*, de Derrida (1994)¹²; ou a tese da mercantilização “marxista” no livro de Lyotard, *A condição pós-moderna*.

¹¹ O Estruturalismo é uma corrente filosófica que atraiu muita atenção anos atrás, mas depois foi alvo de diversas críticas. Ele não está tão em voga quanto antes, mas filósofos importantes ainda recorrem a ela, possivelmente com alguma reinterpretação, como instrumento de reflexão. O estruturalismo ganhou sua força principalmente nas possibilidades que oferecia para o estudo “científico” de diversos fenômenos que, antes dele, eram de difícil abordagem. Por exemplo, os fenômenos humanos não têm aquela regularidade exigida para o estudo “científico” como têm, por exemplo, os fenômenos físicos. O estruturalismo parecia estabelecer essa possibilidade: nele o sujeito (particular) pode ser expulso da “ciência” (uma ciência que trata de estruturas universais). Os elementos concretos não são importantes, mas sim o modelo abstrato da estrutura profunda revelada naquela “álgebra da linguagem”.

¹² **Jacques Derrida** nasceu em El-Biar (Argélia), a 15 de Julho de 1930, no seio de uma família judia. Em 1950 ingressa na Escola Normal Superior de Paris, onde estuda a filosofia alemã (Husserl e Heidegger). A partir de 1956 leciona nos EUA e em França. Nos EUA lecionou em algumas das mais prestigiadas universidades como Harvard, Yale e de John Hopkins. Em França ensina na Sorbonne e na Escola Normal Superior. Em 1983 criou o Colégio Internacional de Filosofia que presidiu até 1985, tendo, posteriormente, ensinado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Em 1982, foi preso na então Checoslováquia, quando manifestou o seu apoio aos intelectuais dissidentes da Carta 77. Jacques Derrida era um dos filósofos franceses mais conhecidos no estrangeiro, em particular nos Estados Unidos. A sua obra pode ser dividida em dois grandes períodos: antes e depois dos anos oitenta. Nos anos 60 e 70 os seus trabalhos são de natureza essencialmente académica, em torno de conceitos como “desconstrução”, “diferença” e “indecidibilidade”. A partir de meados dos anos 80, a obra de Derrida reflete a sua intervenção política.



Derrida | conceitos básicos:

- A “**desconstrução**”, ou seja, uma crítica de pressupostos dos conceitos filosóficos. A noção de desconstrução surge pela primeira vez na introdução à tradução de 1962 da “Origem da Geometria” de E. Husserl. A desconstrução não significa destruição, mas sim desmontagem, decomposição dos elementos da escrita. A desconstrução serve nomeadamente para descobrir partes do texto que estão dissimuladas e que interditam certas condutas. Esta metodologia de análise centra-se apenas nos textos.
- A “**indecidibilidade**” mostra a fluidez das fronteiras entre os diferentes elementos do texto, a impossibilidade de determinar aquilo que é forma ou fundo, onde está dentro e o fora, a linha de demarcação entre o bem e o mal, etc.
- A “**diferença**” parte da análise semântica do infinito latino *differre* que contém dois sentidos: o primeiro remete para o futuro (tempo), o segundo para a distinção de algo criado pelo confronto, choque.
- Para Derrida a filosofia ocidental está marcada por um *fonocentrismo* que privilegia a palavra falada em desfavor da palavra escrita. [<http://afilosofia.no.sapo.pt/10derrida.htm>]

No período que antecedeu sua morte, Deleuze estava escrevendo um livro sobre Marx – ele se via, claramente, como um tipo de marxista (DELEUZE, 1995, p. 171). Todos esses pós-estruturalistas vêem a análise do capitalismo como um problema central: eles tentam compreender a forma pela qual o capitalismo se transforma para não ter que agir contra suas próprias limitações, “decodificando” a nova axiomática capitalista que governa um sistema financeiro global, claramente evidente nas “sociedades de controle” baseadas em uma economia simbólica (JAMESON, 1997).

A emergência do pós-estruturalismo

O pós-estruturalismo pode ser caracterizado como *um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita*, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer idéia de homogeneidade, singularidade ou unidade. O termo “pós-estruturalismo” é, ele próprio, questionável. Mark Poster (1989, p. 6) observa que o termo “pós-estruturalismo” tem sua origem nos Estados Unidos e que a expressão “teoria pós-estruturalista” nomeia uma prática tipicamente estadunidense, *uma prática baseada na assimilação do trabalho de uma gama bastante diversificada de teóricos*.¹³ De forma mais geral, podemos dizer que o termo é um rótulo utilizado na comunidade acadêmica de língua inglesa para descrever uma resposta distintivamente filosófica ao estruturalismo que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Roland Barthes (literatura).

Manfred Frank (1988), um filósofo alemão contemporâneo, prefere o termo “*neoestruturalismo*”, enfatizando, assim, uma continuidade com o “estruturalismo”, tal como o faz John Sturrock (1986, p. 137) que, centrando-se em Jacques Derrida, “o” pós-estruturalista (o crítico mais agudo e de maior peso que o estruturalismo teve) – interpreta o “pós” da expressão “pós-estruturalismo” como nomeando algo que “vem depois e que tenta ampliar o estruturalismo, colocando-o na direção certa”. Segundo Sturrock,

“o pós-estruturalismo é uma crítica ao estruturalismo, feita a partir de seu interior: isto é, ele volta alguns dos argumentos do estruturalismo contra o próprio estruturalismo e aponta certas inconsistências fundamentais em seu método, inconsistências que os estruturalistas ignoraram”.

Richard Harland (1987), em contraste, cunha o termo “*superestruturalismo*” como uma espécie de expressão “guarda-chuva”, tendo como base um quadro de pressupostos subjacentes, comuns a “estruturalistas, pós-estruturalistas, semióticos (europeus), marxistas althusserianos, lacanianos, foucaultianos *et alii*” (HARLAND, 1993, p. ix-x). Todas essas expressões (“pós-estruturalismo”, “neoestruturalismo” e “superestruturalismo”) mantêm como central a *proximidade* histórica, institucional e teórica ao movimento do “estruturalismo”. Assim, o termo exibe uma certa ambigüidade: ele nomeia o novo, timidamente e sem grande confiança, simplesmente distinguindo-o do passado. Existem importantes afinidades entre formas de estruturalismo e pós-estruturalismo,

¹³ O *pós-estruturalismo* levou as teses estruturalistas a posições extremas e até auto-refutantes. Se, para compreendermos um ‘texto’, temos de excluir rigorosamente todos os elementos extratextuais, isto significa não apenas o abandono da procura de qualquer realidade exterior ao texto, mas também deixar de encarar o texto como a expressão do ‘pensamento’ de um autor extratextual. Para o pós-estruturalismo é o ‘leitor’ que desempenha o principal na produção do significado; mas dado que cada leitor interpreta qualquer texto de maneira diferente, nunca emerge qualquer significado definitivo, e assim cada texto destrói a sua própria pretensão de significar seja o que for. Houve várias formas ou facções no pós-estruturalismo francês. Cada escola brilhou brevemente com um brilho magnético, atraindo uma multidão volúvel de devotos antes de se extinguir quando uma versão rival começa a brilhar mais sedutoramente. Todos estes grupos reivindicaram descender de expoentes distintos da teoria lingüística como Saussure e Jakobson, e nesse sentido os seus membros podem classificar-se como ‘filósofos lingüísticos’.
[Em http://www.criticanarede.com/filos_contemporanea.html].

“O *pós estruturalismo*, viemos a descobrir, não se orienta simplesmente para a negação dos fundamentos teóricos, mas sim para a exploração de novas bases de investigação filosófica e política; se envolve não apenas com a rejeição da tradição do discurso político e filosófico, mas, o que é mais importante, com a articulação das linhagens alternativas que nascem da própria tradição” HARDT, Michel. *Guilles Deleuze – um aprendizado em filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

bem como inovações teóricas distintas, como veremos mais adiante. Entretanto, o pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola.

E melhor referir-se a ele como um *movimento de pensamento* – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes.

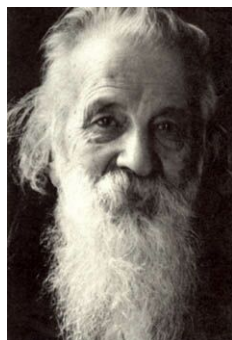
Como uma atividade francesa e predominantemente parisiense, o pós-estruturalismo de primeira geração é inseparável do *milieu* intelectual imediato que predominou na França do pós-guerra, em uma história dominada por forças intelectuais variadas: o legado das interpretações “existencialistas” da Fenomenologia¹⁴ de Hegel, feitas por Alexander Kojève e Jean Hyppolite; a “Fenomenologia do Ser” de Heidegger¹⁵ e o “Existencialismo” de Sartre; a redescoberta e a ‘leitura’ estruturalista de Freud, feitas por Lacan; a ‘onipresença’ de Georges Bataille e Maurice Blanchot; a ‘epistemologia radical’ de Gaston Bachelard¹⁶ e os ‘estudos da ciência’ de Georges Canguilhem.

¹⁴ A *Fenomenologia*, nascida na Segunda metade do século passado, a partir das análises de Brentano sobre a intencionalidade da consciência humana, trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção. O método fenomenológico se define como uma *volta as coisas mesmas*, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como objeto intencional. Seu objetivo é chegar a intuição das essências, isto é, ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos, captado de forma imediata. Toda consciência é *consciência de alguma coisa*. Assim sendo, a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, especulação, volição, paixão, etc.), com os quais visa algo. As essências ou significações (noema) são objetos visados de certa maneira pelos atos intencionais da consciência (noesis). Afim de que a investigação se ocupe apenas das operações realizadas pela consciência, é necessário que se faça uma redução fenomenológica ou Epoché, isto é, coloque-se entre parênteses toda a existência efetiva do mundo exterior. As coisas, segundo Husserl, caracterizam-se pelo seu inacabamento, pela possibilidade de sempre serem visadas por noesis novas que as enriquecem e as modificam.

¹⁵ **Martin Heidegger** (26 de Setembro de 1889 – 26 de Maio de 1976) foi um filósofo alemão. Estudou na Universidade de Freiburg com o professor Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia e tornou-se professor ali em 1928. Heidegger foi, sobretudo um fenomenologista. Sua filosofia foi considerada como “lixo” por membros do *Círculo de Viena* e filósofos britânicos como Bertrand Russell, Alfred Ayer ou Ernest Gellner. Heidegger inscreveu-se no partido Nazi (NSDAP - Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em alemão: *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) em 1 de Maio de 1933 (ano da chegada ao poder de Adolf Hitler), tendo posteriormente sido nomeado reitor da Universidade de Freiburg. Martin Heidegger teve como aluna a judia Hannah Arendt. Picante é a história do seu envolvimento amoroso com ela, e o posterior corte de relações, no tempo do Nazismo, uma ideologia com a qual Heidegger, pelo menos inicialmente, simpatizou. Além da sua relação com a fenomenologia, a influência de Heidegger foi igualmente importante para o “existencialismo” e “desconstrutivismo”. [fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heidegger>]



¹⁶



Gaston Bachelard (1884-1962): Filósofo e ensaísta francês. Nasceu em Bar-sur-Aube no seio de uma modesta família (o pai era sapateiro). Após os estudos secundários trabalha nos correios de Remiremont até 1906 e depois em Paris entre 1907 e 1913. Embora trabalhe cerca de 60 hs por semana em Paris, reinicia seus estudos e licencia-se em matemática em 1912. Pretende então ser engenheiro de telegrafia. Depois de servir na I Guerra, foi nomeado professor de física e química em Bar-sur-Aube. A teoria da relatividade deita por terra as suas idéias sobre física, o que o terá levado a estudar a filosofia, obtendo uma segunda licenciatura em letras em 1920. Tendo-se doutorado em 1927, com a tese *Ensaio sobre o Conhecimento aproximado e Estudo sobre a Evolução de um problema da física, a propagação térmica nos sólidos* (a tese é premiada). Deu aulas na Universidade de Dijon (1930-1940) e Sorbonne (Paris) em história e filosofia das ciências (até 1954). Entra para a Academia das Ciências Morais e Políticas em 1955. Recebe a Legião de Honra em 1951 e o Grande Prêmio Nacional das Letras (1961). **Obras:** O Novo Espírito Científico (1934), A Formação do Espírito Científico (1938), Psicanálise do fogo (1938), A Água e os Sonhos (1942), O Ar e os Sonhos (1943), A Terra e os Devaneios da Vontade (1948), O Materialismo Racional (1953), A Poética do Espaço (1957) e A Poética dos Devaneios (1960), etc.

Provavelmente o mais importante é que *o pós-estruturalismo inaugura e registra a recepção francesa de Nietzsche*¹⁷, o qual forneceu as fontes de inspiração para muitas de suas inovações teóricas. E também decisiva para a emergência do pós-estruturalismo, sem dúvida, a interpretação que *Martin Heidegger* (1991/1961) fez de Nietzsche, bem como as leituras de Nietzsche feitas por Deleuze, Derrida, Foucault, Klossowski e Koffman, desde o início dos anos 60 até os anos 70 e 80.

O pós-estruturalismo é inseparável também da tradição estruturalista da lingüística baseada no trabalho de Ferdinand de Saussure e de Roman Jakobson, bem como das interpretações estruturalistas de Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Louis Althusser e Michel Foucault (da primeira fase).

¹⁷ Sobre Friedrich Nietzsche ver

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Nietzsche>. e: <http://www.cfh.ufsc.br/~evandro/nietzsche.htm>

Notas sobre idéias de F. Nietzsche (1844-1900)

por Carlos Fontes em <http://afilosofia.no.sapo.pt/12.nietzsche.htm>



Filosofia: Com Karl Marx e Freud, a filosofia Nietzsche marcou uma profunda ruptura na cultura ocidental. Crítico da racionalidade imperante, afirmou a primazia de tudo aquilo fora recalcado, como a vida instintiva.

Dioniso e Apolo: Numa das suas primeiras obras, *Origem da Tragédia* (1871), Nietzsche distingue na cultura Grega dois princípios fundamentais, e que irão servir de matriz para analisar a cultura Europeia: o Apolíneo e Dionisiaco. O *princípio Apolíneo* (do deus Apolo), simboliza a serenidade, clareza, medida, racionalidade. Corresponde à imagem tradicional da Grécia Clássica e que aparece frequentemente associada às figuras de Sócrates e Platão. O *Dionisiaco* (do deus Dioniso), simboliza as forças impulsivas, o excesso transbordante, o erotismo, a orgia, a afirmação da vida e dos seus impulsos (força, vontade). Estes dois princípios estavam presentes na tragédia e na cultura grega, antes da influência de Sócrates se fazer sentir. Ele submete os impulsos vitais e a sua energia

excessiva aos constrangimentos da razão. Esta viragem na filosofia coincide com aquilo que Nietzsche considera a decadência da tragédia, preconizada por Eurípedes, mas também ligada ao aparecimento da comédia. A partir de Sócrates-Platão a cultura ocidental seria marcada pela repressão dos instintos vitais e a negação do prazer.

Homem Doente: Dotado de um pensamento reducionista, o "homem teórico" encara o mundo pelos olhos da lógica e da ciência, descobrindo uma ordem cósmica onde existe o caos. Repudia tudo aquilo que se mostra incerto, misterioso ou irracional, munindo-se para este combate de poderosos instrumentos como a *Culpa*, o *Ressentimento*. Mostra-se igualmente incapaz de aceitar o sofrimento e as contradições da vida. O homem doente procura sempre uma consolação para os seus fracassos, imagina um outro mundo onde obterá aquilo que abdicou de lutar na terra.

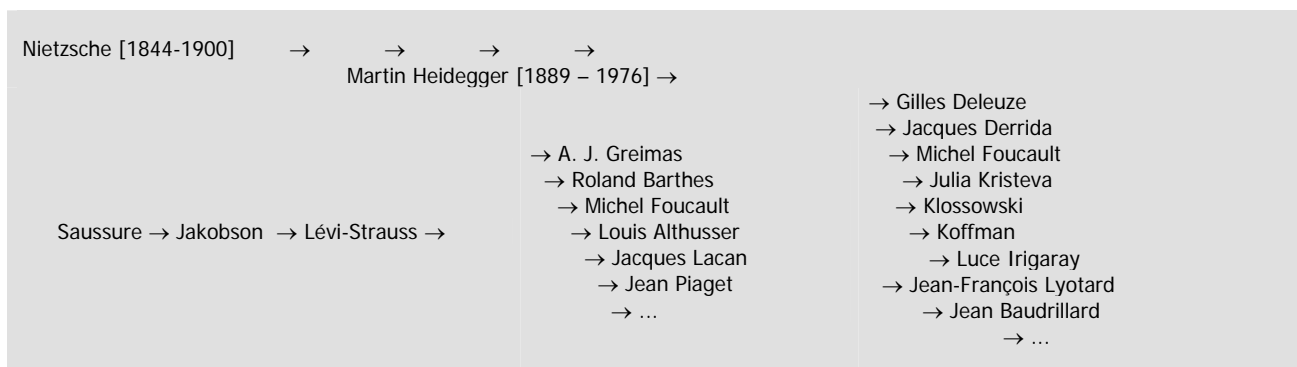
Eterno Retorno: A visão da história da humanidade, segundo Nietzsche, assenta na concepção de um eterno retorno. Quando forem realizadas todas as possibilidades de combinação dos elementos, *tudo voltará a repetir-se num novo ciclo*. A cultura ocidental, segundo Nietzsche, depois de uma fase de apogeu, desde Sócrates que entrara numa longa fase de decadência que a conduziu ao Niilismo, marcado pela ausência de valores, terminando no indiferentismo. Neste percurso os valores superiores foram sendo substituídos pelos valores dos escravos, difundidos pelo Cristianismo e consagrados nos regimes democráticos e a ascensão das classes trabalhadoras. Estes falsos valores negam a vida em nome de ilusões (ideais) ou de uma vida futura. A única possibilidade de sair desta fase de decadência é o homem transformar-se a si próprio, mediante a transmutação de todos os seus valores, encaminhando-se para aquilo que designou por Super-homem. Apenas uma pequena elite atingirá este estágio.

Super-homem: Nietzsche, como dissemos, opõem-se a todas as idéias igualitaristas, humanitaristas e democráticas. De acordo com o seu pensamento as mesmas apressam o Homem, não o libertam. O seu modelo de Homem está nos príncipes do Renascimento: valente, hábil, sem moral (acima do Bem e do Mal), apenas se guiando pela sua vontade de poder, a sua energia vital. O super-homem é aquele que aceita a vida como ela é: incerta, conflituosa e sem ilusões. Ele aceita as forças cósmicas incertas e contraditórias que os outros negam e temem.

Moral de Senhores e Moral de Escravos: A libertação do homem exige um combate sem tréguas contra a moral dos escravos. Em primeiro lugar critica a moral socrática, que subordina tudo à razão. A seguir condena a religião e a moral cristã que enaltece os fracos, apela à compaixão e à resignação dos homens, promete recompensas num mundo no além que não existe, estimulando a inveja pelos poderosos. Condena igualmente a moral do dever de Kant, e a ética utilitarista. Nesta crítica Nietzsche realiza uma minuciosa análise lingüística, histórica e psicológica dos conceitos e das práticas que suportam estas concepções morais. A moral dos senhores, a do Super-homem, valoriza a força, a irrupção dos impulsos vitais, a vontade de poder. Nietzsche chega inclusive a valorizar a guerra, pois durante esta se criam especiais oportunidades para a manifestação de virtudes nobres, como a valentia ou a generosidade dos guerreiros.

Aspectos Valorizados pela Filosofia Contemporânea na obra de Nietzsche

1. A sua análise às categorias e estruturas unificadoras de pensamento filosófico (Ser, Verdade, Unidade, etc), as quais se prestam a criar falsas ilusões de poder sobre a realidade.
2. A sua crítica ao conceito de Homem, que considera ser uma ficção com a qual se pretende ocultar a diversidade de vontades e consciências individuais.



O pós-estruturalismo, considerado em termos da história cultural contemporânea, pode ser compreendido como pertencendo ao amplo movimento do formalismo europeu, com vínculos históricos explícitos tanto com a lingüística e a poética formalista e futurista quanto com a *avant-garde* artística européia. Foi então, sem dúvida, central para a emergência do pós-estruturalismo a redescoberta, por um grupo de pensadores franceses, da obra de Friedrich Nietzsche.

Foram importantes também a interpretação que Martin Heidegger fez dessa obra, bem como as leituras estruturalistas tanto de Freud quanto de Marx. Considerava-se que, enquanto Marx havia privilegiado a questão do poder e Freud havia dado prioridade à idéia de desejo, Nietzsche era um filósofo que não havia privilegiado qualquer um desses conceitos em prejuízo do outro. Sua filosofia oferecia uma saída que combinava poder e desejo.

A recepção estadunidense da desconstrução e a formulação do conceito de “pós-estruturalismo” no mundo de fala inglesa coincidem com o momento em que **Derrida** apresenta seu ensaio “*A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*”, no Colóquio Internacional sobre Linguagens Críticas e Ciências do Homem, na Universidade Johns Hopkins, em outubro de 1966. Richard Macksey e Eugenio Donato (1970, p. X) descreveram a conferência como “a primeira vez, nos Estados Unidos, em que o pensamento estruturalista foi considerado como um fenômeno interdisciplinar”.

Mesmo antes do término da conferência, havia claros indícios de que o reinante paradigma transdisciplinar do estruturalismo tinha sido superado, embora apenas um parágrafo das “Observações conclusivas” de Macksey assinalasse as “reavaliações radicais de nossos pressupostos [estruturalistas]” feitas por Derrida (p. 320). No agora clássico ensaio “*A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*”, Derrida (1978, p. 278-80) questionava a “estruturalidade da estrutura” ou a idéia de “centro” que, ele argumentava, operava para limitar o jogo da estrutura:

[...] toda a história do conceito de estrutura [...] tem de ser pensada como uma série de substituições de centro para centro, um encadeamento de determinações do centro. O centro recebe, sucessiva e regularmente, formas ou nomes diferentes. A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias. A sua matriz seria [...] a determinação do ser como *presença* em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (*eidós, arche, telos, energeia, ousia* [essência, existência, substância, sujeito], *aletheia*, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.).

Derrida colocava em questão, nesse parágrafo, o estruturalismo francês da década anterior e, ao mesmo tempo, apontava a direção de suas próprias ambições intelectuais. O “descentramento” da estrutura do significado transcendental e do sujeito *soberano* pode ser encontrado, sugere Derrida, nomeando suas fontes de inspiração, na crítica nietzscheana da metafísica e, especialmente, na crítica dos conceitos de ser e de verdade; na crítica freudiana da autopresença, “da consciência, do

sujeito, da auto-identidade e da autoproximidade ou da autopossessão”; e, mais radicalmente, na destruição heideggeriana da metafísica, "da determinação do Ser como presença". Derrida discute ao longo desse ensaio o tema do “descentramento”, concluindo por distinguir duas interpretações de estrutura. Uma delas, de origem hegeliana e exemplificada no trabalho de Lévi-Strauss, sonha "decifrar uma verdade e uma origem que escapem ao jogo e à ordem do signo", buscando aí a "inspiração de um novo humanismo". A outra, “*que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e procura superar o homem e o humanismo...*” (DERRIDA, 1978, P.292) O humanismo tendia, como um motivo central do pensamento liberal europeu, a colocar o "sujeito" no centro da análise e da teoria, vendo-o como a origem e a fonte do pensamento e da ação, enquanto o estruturalismo, ao menos em uma leitura althusseriana, via os sujeitos como simples portadores de estruturas.

Os pós-estruturalistas continuam, de formas variadas, a sustentar essa compreensão estruturalista do sujeito, concebendo-o, em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas, continuando a questionar também as diversas construções filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista.

A genealogia do pós-estruturalismo francês tem que ser compreendida, em parte, por suas filiações com o pensamento de Nietzsche. Em particular; com sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação; com a centralidade que ele concede à questão do estilo, visto como crucial, tanto filosófica quanto esteticamente, para que cada um se supere a si próprio, em um processo de perpétuo autodevir; com a importância dada ao conceito de *vontade de potência* e suas manifestações como vontade de verdade e vontade de saber.

Esses temas filosóficos foram assumidos, adotados e experimentados pelos pós-estruturalistas franceses sob novas e estimulantes formas. **Foucault**, por exemplo, desenvolveu a genealogia nietzscheana como uma forma de história crítica que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se, em vez disso, nos conceitos de *proveniência* e *emergência*. Ao analisar; por meio do uso de narrativas e da narratologia, a pragmática da linguagem, **Lyotard**¹⁸ demonstra a mesma aversão que tinha Nietzsche pelas tendências universalizantes da filosofia moderna.

Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger, e Saussure, *questiona os pressupostos que governam o pensamento binário*, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro,

¹⁸ **Jean-François Lyotard**: Formação: Tornou-se *agrégé* em filosofia em 1958, recebendo o título de doutor em 1971. O prof. Lyotard era membro do conselho do *collège International de Philosophie* e professor emérito da Universidade de Paris. Faleceu em abril de 1998. Um dos fundadores do pós-modernismo. Para Lyotard, a experimentação, a rejeição do conforto e do consolo do realismo e da arte representativa era a essência do pós-modernismo. Essa idéia de certa forma iguala o pós-modernismo à teoria de *avant-garde* _ um conceito modernista fundamental, como ele mesmo reconhece. Mas, para Lyotard, o modernismo deixou-se ossificar, burocratizar e comercializar. Não mais desafia ou ameaça, como deveria. O pós-modernismo foi a forma assumida pelo modernismo depois de este perder seu *élan* revolucionário. É esse aspecto do modernismo que constantemente lhe lembra seu objetivo essencial de subversão e ruptura. Dessa forma, o pós-moderno “é sem dúvida parte do moderno”. “Uma obra pode se tornar moderna apenas se for, antes de mais nada, pós-moderna. O pós-modernismo assim compreendido não é modernismo em seu fim, mas no estado nascente, e esse estado é constante”. (Lyotard 1984). “O status do conhecimento é alterado à medida que as sociedades ingressam no que é conhecido como era posmoderna. (Lyotard, 1984)”. O estudo de Lyotard sobre o caráter mutável do conhecimento, “a condição pós-moderna”, baseia-se explicitamente em uma visão da sociedade na qual “o conhecimento tornou-se a principal força de produção” e a “computarização da sociedade” é considerada como a realidade subjacente. Lyotard aceita, em outras palavras, como deixam claro as referências que fez, o pensamento de Bell, Nora e Minc e outros teóricos de informação pós-industrial (Lyotard, 1984). [Fonte: <http://rpaisant.vilabol.uol.com.br/lyotard.htm>].



utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias. *Deleuze*¹⁹ (1983, original de 1962) fixa-se na diferença como o elemento característico que permite substituir Hegel por Nietzsche, privilegiando os “jogos da vontade de potência” contra o “trabalho da dialética”.

Todos esses pensadores enfatizam que o significado é uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto, questionando, portanto, a suposta universalidade das chamadas “*asserções de verdade*”. Foucault vê a verdade como o produto de regimes ou gêneros discursivos que têm seu próprio e irreduzível conjunto de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas. Seguindo Nietzsche, todos eles questionam o sujeito cartesiano-katiano humanista, ou seja, o sujeito autônomo, livre e transparentemente autoconsciente, que é tradicionalmente visto como a fonte de todo o conhecimento e da ação moral e política.

Em contraste, e seguindo a crítica da filosofia liberal feita por Nietzsche, eles descrevem o sujeito em toda sua complexidade histórica e cultural - um sujeito “descentrado” e dependente do sistema lingüístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais. O sujeito, outra vez sob a influência de Nietzsche, é visto, em termos concretos, como *corporificado* e *generificado*, ser *temporal*, que chega, fisiologicamente falando, à vida e enfrenta a morte e a extinção como corpo, mas que é, entretanto, infinitamente maleável e flexível, estando submetido às práticas e às estratégias de normalização e individualização que caracterizam as instituições modernas.

Devemos compreender o pós-estruturalismo, no seu desenvolvimento no contexto histórico francês, tanto como uma reação quanto como uma fuga, relativamente ao pensamento hegeliano. Essa reação ou fuga, para sintetizar a questão em termos deleuzianos, envolve, essencialmente, a celebração do “jogo da diferença” contra o “trabalho da dialética”. O livro de Deleuze, ‘*Nietzsche e a filosofia*’, representa um dos momentos inaugurais do pós-estruturalismo francês, em uma interpretação de Nietzsche que enfatiza o jogo da diferença, utilizando esse último conceito como o elemento central de um vigoroso ataque à dialética hegeliana. Tal como sintetizado pelo próprio Deleuze:

¹⁹ *Gilles Deleuze* (1925-1995) nome destacado da nova geração filosófica francesa, nasceu em Paris e foi professor da Universidade de Paris VIII. Sob a influência de Nietzsche procurou estabelecer o conceito de diferença como o verdadeiro princípio da filosofia. “*Um dia, talvez, o século seja deleuziano*”. Essa frase de Foucault mostra bem a importância de Deleuze, uma das figuras mais controversas e sedutoras da filosofia contemporânea. Gênio artilheiro ou inocente trapaceiro, qual é a singularidade desse filósofo excêntrico, cujo



Pensamento, para muitos, é sinônimo dos acontecimentos de maio de 1968? Opositor vigoroso dos que declaram a morte da filosofia, Deleuze mostrou em toda sua obra o que ela pode ainda oferecer e levou ao extremo o caráter mais clássico desta, seu espírito de sistema, definindo, entre a ciência e a filosofia, as condições de uma nova aliança que tivesse os traços de uma filosofia da natureza. Para Deleuze, a relação da filosofia com as formas não-filosóficas do pensamento – a arte e a ciência – deve ser de fundamental igualdade. A arte, a ciência e a filosofia são formas de saber diferentes, mas de igual valor. Ao destacar a potência de conhecimento da criação artística, Deleuze reverte a posição tradicional da filosofia, que reservava à arte um papel secundário dentro do sistema da cultura. [http://geocities.yahoo.com.br/guaikuru0003/deleuze_doss.html#bergson]

Michael Hardt — Professor da Duke University (EUA)

“A contribuição de Deleuze pode ser resumida como sendo a de uma filosofia da imanência. A imanência se opõe a formulações transcendentais, ambas no sentido de formulações religiosas e filosóficas que apresentam valores e ideais em um âmbito separado deste mundo, ou no sentido de uma ordem política que coloca sua força acima do plano interativo das forças sociais. Em uma bela passagem de um de seus livros de cinema, ele escreveu que o cinema tem o poder de nos fazer crer neste mundo (uma tarefa muito importante, ele declara). A filosofia de Deleuze certamente nos fornece maneiras de acreditar neste mundo -e nos põe em condições de mudá-lo”.

“Três idéias definem a dialética: a idéia de um poder do negativo como princípio teórico que se manifesta na oposição e na contradição; a idéia de um valor do sofrimento e da tristeza, a valorização das "paixões tristes", como princípio prático que se manifesta na cisão, na separação; a idéia da positividade como princípio teórico e prático da própria negação. Não é exagero dizer que toda a filosofia de Nietzsche, em seu sentido polêmico, é a denúncia dessas três idéias (1983, p. 195-96)”.

Deleuze contrasta a força negativa da dialética e sua predisposição puramente reativa - o positivo é obtido apenas por meio da dupla negação, "a negação da negação" - com a força puramente positiva da afirmação inerente à "diferença", a qual é tomada como a base de um pensamento radical que não é nem hegeliano nem marxista. Em uma vigorosa passagem, Deleuze afirma:

“A dialética hegeliana consiste, na verdade, em uma reflexão sobre a diferença, mas de imagem invertida. No lugar da afirmação da diferença como tal, ela coloca a negação daquilo em relação ao qual ela difere; no lugar da afirmação do eu, ela coloca a negação do outro; e no lugar da afirmação da afirmação, ela coloca a famosa negação da negação (1983 p. 196)”.

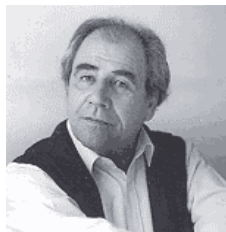
Em suma, a dialética hegeliana reflete uma falsa imagem da diferença. A crítica nietzscheana da dialética, feita por Deleuze, uma das chaves para se compreender o pós-estruturalismo francês, deveria ser mais reconhecida como uma base legítima para uma teorização radical alternativa. A interpretação que Deleuze faz de Nietzsche torna-se, de fato, o ponto de virada para a filosofia francesa, abrindo novos espaços para o filosofar; ajudando a re-instaurar uma tradição banida e fornecendo as bases para um modo alternativo de pensamento crítico tanto dentro da França quanto fora dela. Em sua primeira geração, o pós-estruturalismo é exemplificado pelo trabalho de Jacques Derrida, Michel Foucault, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Luce Irigaray; Jean Baudrillard, entre muitos outros. Historicamente, sua formação e seu desenvolvimento institucional inicial podem ser ligados à influente revista *Tel Quel*, havendo fortes conexões com figuras literárias tais como Maurice Blanchot e Roland Barthes. Os pensadores pós-estruturalistas desenvolveram formas peculiares e originais de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com frequência dirigidas para a crítica de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a "leitura", a "escrita", o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica).²⁰

Julia Kristeva: Romancista e pensadora búlgara de expressão francesa, Julia Kristeva tornou-se um ícone intelectual identificado pelo rótulo de feminista, principalmente nos EUA. Pouco à vontade com a definição, ela, no entanto iniciou uma série de estudos sobre grandes mulheres, como forma, sobretudo, de encontrar caminhos de esperança para a humanidade. Nos momentos de maior crise na história que começa a ser escrita agora, a humanidade será dividida em pequenas comunidades de errantes e infelizes, e isso será, no entanto, motivo de esperança, porque toda crença apocalíptica é uma forma de histeria. Essa idéia sobre o futuro pode ser surpreendente, provocadora e audaciosa e assim é também sua autora. Ensáista, psicanalista e



²⁰ "Mas, há ainda uma outra tendência de pensamento de forte influência na atmosfera intelectual contemporânea. Trata-se do *pós-estruturalismo*, que muitas vezes se aproxima e outras se justapõem ao discurso pós-moderno. Best e Kellner (BEST, S. e KELNNER, D. (1991) *Postmodern Theory, Critical Interrogation*, New York: The Guilford Press.) apontam para o fato de que o pós-estruturalismo é parte da matriz do discurso pós-moderno e que as inflexões teóricas deste último estão diretamente articuladas às críticas pós-estruturalistas. Todavia, o pós-moderno é um termo mais abrangente e, segundo os autores, o pós-estruturalismo se constitui em um subconjunto de suas tendências teóricas, sociais e culturais (Best e Kellner, 1991: 25). Nesta perspectiva, o discurso pós-moderno inspira-se nas críticas pós-estruturalistas à Ilustração incorporando, ainda, aspectos de sua concepção de *subjetividade* (plural, múltipla, descentrada) e de suas idéias sobre o papel e a natureza da linguagem. Também neste caso, são muitas as diferenças entre os teóricos identificados com esta linha de pensamento, o que torna impossível falar de um pensamento pós-estruturalista em geral. Fato que se pode intuir quando lembramos que são rotulados 'pós-estruturalistas' por exemplo, Foucault, Barthes, Kristeva e Derrida, além de outros mais identificados com o pensamento pós-moderno, como Baudrillard e Lyotard, ou o 'neopragmatismo', como Rorty." [Recorte ao texto de Maria Célia Marcondes de MORAES. *Os "Pós-Ismos" e outras Querelas Ideológicas* [online]. Disponível na internet via WWW URL: http://www.educacaoonline.pro.br/os_posismos.asp. Capturado em 15/07/2005 09:02:56].

romancista búlgara de expressão francesa, Kristeva ocupa tanto na cultura da França quanto na comunidade acadêmica norte-americana o lugar de um mito intelectual da segunda metade do século 20. Ao seu nome - ainda que muitas vezes contra sua vontade - estão ligados movimentos como "o novo feminismo" ou o "politicamente correto", fazendo de Kristeva uma espécie de orientadora de um pensamento que terminou gerando, em meio à polêmicas, tanto o "inferno relativista" quanto "a nova esperança social", com livros como *Estrangeiros para Nós Mesmos* (1988), *Les Nouvelles Maladies de l'Âme* (1993) ou *La Révolte Intime* (1997). Kristeva, companheira do escritor Philippe Sollers, participou da grande geração revolucionária que se articulou no comitê de edição da revista parisiense *Tel Quel*, no final dos anos 60. À época, ela estava atraída pela revolução chinesa, pela linguagem e o papel decisivo da vanguarda, em todas suas formas. Hoje, sua atenção está voltada para o que define como o "gênio feminino", as obras da filósofa Hannah Arendt (1906-1975), da psicanalista Melanie Klein (1882-1960) e da escritora Colette (1873-1954).



Jean Baudrillard nasceu em Reims, na França, em 1929. Professor da Universidade de Nanterre, teve participação ativa nos acontecimentos de maio de 68, ano que marcou também o lançamento de *O Sistema dos Objetos* (Ed. Perspectiva), obra que o tornou conhecido como sociólogo dedicado aos estudos das relações entre a produção de bens materiais e o fantasma do consumo. Em 1977 se envolveu numa grande polêmica nos meios acadêmicos franceses com o livro *Esquecer Foucault* (Ed. Rocco). Daí por diante, Baudrillard se distancia mais dos padrões estabelecidos para tornar-se um pensador independente, um formulador de conceitos que viaja pelo mundo apagando definitivamente os limites entre a criação e a crítica. Diversos outros livros de Baudrillard foram publicados no Brasil, entre os quais *América* (Ed. Rocco), *Da Sedução e Transparência do Mal* (Ed. Papirus), e *Cool Memories* (Ed. Espaço e Tempo).
<http://www.estacaoliberalidade.com.br/autores/jean.htm>

"Pós-estruturalismo" / bíblias do "pós-moderno" ou imposturas intelectuais (!!??)
em *Impostures Intellectuelles*, de Alan Sokal e Jean Bricmont, Editions Jacob, 1997, 276 pp. Por Sara Bizarro.
[ler mais em <http://www.geocities.com/revistaintelecto/sokal.html>]

O «*Embuste de Sokal*»: Em 1996 Sokal escreveu um artigo para a revista *Social Text* com o seguinte título: «*Transgredir as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica*». Este artigo era uma paródia construída à volta de citações de autores franceses bastante conceituados. Nele, Sokal defende uma série de idéias disparatadas acerca das implicações filosóficas e sociais das ciências naturais e da matemática. Entre os autores citados nesse artigo estão: **Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Félix Guattari, Luce Irigaray, Jacques Lacan, Bruno Latour, Jean-François Lyotard, Michel Serres e Paul Virilio**. A revista *Social Text* não só aceitou publicar o artigo de Sokal, como o incluiu numa edição especial sobre as implicações sociais e filosóficas da ciência. Este acontecimento ficou conhecido como o «Embuste de Sokal» (a descrição do embuste foi feita por Paul Boghossian e publicada no n.º 2 da *Disputatio*). O embuste provocou todo o tipo de reações.

Uma das reações mais comuns, assumida pelos simpatizantes dos autores parodiados, foi a de que o embuste não provava nada acerca do «pós-modernismo» em geral — provava só que aquela revista e aquele grupo editorial tinham sido pouco cuidadosos na seleção dos textos. O livro *Imposturas Intelectuais* tem como principal objetivo mostrar que a publicação do artigo de Sokal não foi apenas um descuido, mas antes uma consequência das excentricidades do dito «pós-modernismo». Neste livro, Sokal e Bricmont propõem-se mostrar como pelo menos oito dos mais conceituados autores franceses abusam de conceitos e termos provenientes das ciências físicas e da matemática de tal forma que a sua honestidade intelectual pode ser posta em causa.

Os autores que merecem capítulos separados são: **Jacques Lacan** (cap.1), **Julia Kristeva** (cap.2), **Luce Irigaray** (cap.4), **Bruno Latour** (cap.5), **Jean Baudrillard** (cap.7), **Paul Virilio** (cap.9), **Gilles Deleuze e Félix Guattari** (cap.8). Embora estes autores não se auto-apelidem de «pós-modernos», os seus textos são, em geral, considerados como uma espécie de bíblias sobre as quais é construído o discurso «pós-moderno». Assim sendo, o fato de estes autores abusarem de termos e conceitos técnicos das ciências físicas e da matemática para defenderem certas teses filosóficas e políticas pode, pelo menos, lançar algumas suspeitas sobre a honestidade intelectual da corrente «pós-moderna». Sokal e Bricmont propõem-se provar quatro acusações acerca dos autores citados. Como Sokal e Bricmont são ambos professores de física estas acusações limitam-se a apontar as incorreções na utilização de conceitos científicos. As acusações são as seguintes:

1. Os autores usam uma terminologia científica sem saberem bem o que ela significa.
2. Os autores importam noções das ciências exatas sem darem a mínima justificação empírica ou conceptual para essa importação.
3. Os autores exibem uma erudição superficial atirando sem pudor palavras complicadas à cara do leitor em contextos em que essas palavras não têm qualquer pertinência. A finalidade é provavelmente a de impressionar e intimidar o leitor que não tem conhecimentos científicos.
4. Os autores manipulam frases sem sentido e usam indiscriminadamente jogos de palavras provocando uma verdadeira intoxicação verbal combinada com uma indiferença soberba pelo significado que essas palavras possam ter.

Em suma, Sokal e Bricmont propõem-se desconstruir a reputação que estes textos têm de que são difíceis porque são profundos. Afinal, se muitas vezes eles parecem incompreensíveis talvez seja porque realmente não dizem nada. (...) ...